

### A RESPOSTA DOS PORTUGUESES

PARA os grandes iludidos, que imaginavam o povo português inconsciente da obra de renovação, fomento e harmonia de classes, operada sob a direcção clarividente de Salazar, as últimas eleições foi um tremendo desenganho. A Nação tem o instinto dos seus autênticos interesses e a noção das realidades vividas, dia a dia, ao longo destes últimos vinte e cinco anos. O milhão e duzentos mil portugueses que foram às eleições do oito de Novembro marcaram uma nota de alto civismo e de justiça social.

Como afirmou o senhor Ministro do Interior, houve uma transformação material e social do país, que foi acompanhada dum amadurecimento do espírito do povo. Aumentou o ensino em todos os escalões e sectores, elevou-se o nível cultural das massas, criou-se uma normalidade de vida condigna e feliz. Seria impossível que a Nação não tivesse compreendido o sentido de devoção nacional, que representam os vinte e cinco anos de intensa actividade, obras públicas, urbanismo, habitação, fomento económico e equilíbrio das classes. A paz fecunda deste quarto de século, em que os portugueses trabalharam intensamente para recuperar o passivo tremendo dum atraso de século é uma grande realidade. Os portugueses hoje viajam bastante. Internamente todos descobriram serras em intenso povoamento florestal, povoações em renovação, construções por toda a parte, novas fábricas e um ritmo de prosperidade geral.

Os que nestes últimos anos visitaram as nações estrangeiras não sofreram humilhações nem confrontos desagradáveis. Ao regressar a este canto de-

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

## Em LOULÉ NA CERIMÓNIA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A DUARTE PACHECO



Eng. Duarte Pacheco

INAUGURAÇÃO do monumento ao falecido ministro Duarte Pacheco, em Loulé, transcendeu largamente, pelo seu alto significado, a sincera homenagem da terra ao seu maior e mais ilustre filho, e a consagração dos Municípios do país, para se transformar no preito da Nação agradecida.

A presença do sr. Presidente do Conselho, que nos visita,

### Eng. Sebastião Ramires

Permaneceu alguns dias na sua propriedade de Cacela, com sua esposa, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo, sr. Eng. Sebastião Ramires, de quem foram hóspedes, durante a curta estadia no Algarve, os srs. Presidente do Conselho, Prof. Dr. António de Oliveira Salazar, Ministro das Obras Públicas, Eng. José Frederico Ulrich, e Ministro da Presidência, Prof. Dr. Costa Leite (Lumbrales).

SALAZAR definiu o falecido estadista como «o exemplo do desinteresse mais puro, do sacrificio da vida mais completo, da mais alta noção de servir»

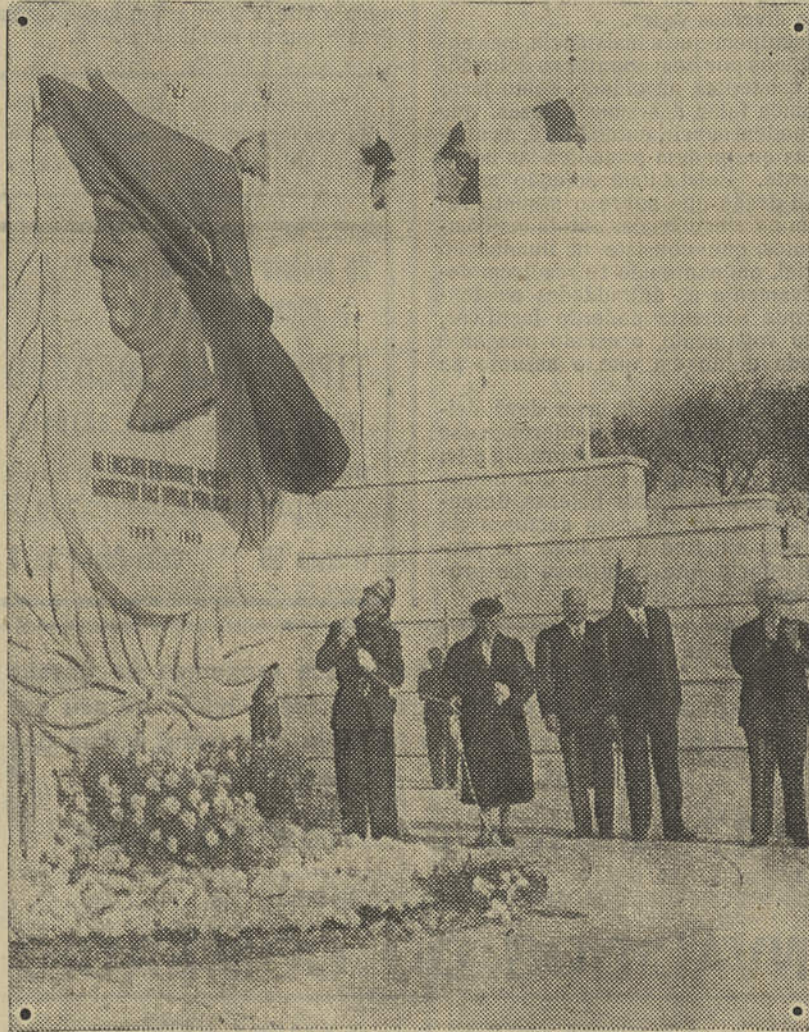
pela primeira vez, com carácter oficial, e dos membros do Governo que se deslocaram ao Algarve, dão a medida exacta do alto apreço em que era tida a extraordinária figura de Duarte Pacheco e a projecção que o acontecimento teve na vida nacional.

Foi a irmã mais velha do homenageado, sr.ª D. Clotilde Pacheco, quem descerrou a efigie do falecido estadista. Os discursos que seguidamente pronunciaram os presidentes

Municípios do país, e a brilhante oração do sr. Dr. Oliveira Salazar, tocada de magoada saudade, foram já largamente divulgados pela imprensa diária e pela rádio.

Neles se traçou, em largos e vigorosos traços, o perfil desse louletano que já pertence à História, e do homem de génio que iniciou verdadeiramente uma nova era na vida material do país. O discurso do Chefe do Governo, sobretudo, impres-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



O descerramento da efigie do falecido ministro Duarte Pacheco, por sua irmã, sr.ª D. Clotilde Pacheco

das Câmaras Municipais de Loulé e Lisboa, srs. José da Costa Guerreiro e Tenente-Coronel Alvaro da Salvação Barreto, este em nome de todos os

### Apresentação de um filme sobre o Algarve

#### NO INSTITUTO FRANCÊS

Realizou-se, na passada quarta-feira, no Instituto Francês, em Lisboa, a apresentação do documentário «Algarve de Além Mar», da autoria de António Lopes Ribeiro.

Antes de se iniciar a sessão, o sr. Pierre Honrard, director do Instituto, agradeceu ao Dr. José Manuel da Costa, a cedência deste filme que foca os feitos e as recordações de Portugal em Marrocos.

### Aproveitamento hidroagrícola no Algarve

#### Vão iniciar-se grandes obras na Campina de Silves, Portimão e Lagoa

Realizou-se, há dias, na Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, o concurso para a empreitada de fornecimento e montagem do equipamento mecânico da descarga de fundo e da tomada de água da albufeira do Rio Arade e da tubagem metálica de comando das comportas do descarregador daquela albufeira.

A base de licitação foi de 2.250 contos, e apresentaram-se três concorrentes, sendo as propostas de 1.708, 1.200 e 1.099 contos, os quais baixaram, para estudo, à repartição respectiva.

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Diário

Noite fechada, regresso a casa. Venho de ouvir Berta Singerman. Despendi, para isso, 30\$00. Como a vida está cara! Francamente, até a poesia estar sujeita a esta coisa repugnante que é o dinheiro!... Poesia para a plateia. Pequenas anedotas rimadas, ditas com que graça! De repente a Geral começa a tornar-se barulhenta. Gritam qualquer coisa, finalmente consigo perceber e colaboro no apelo: «Lorca! Lorca!» Berta Singerman desta vez não faz a vontade. Recita mais uns versos graciosos.

Noite fechada, regresso a casa. O «eléctrico», cheio. Muitos daquelles estavam no recital, ao pé de mim. Desconhecidos. Mas o mesmo nome — Lorca! — saído de nossas bocas ofereceu-nos um súbito parentesco, conterrâneos da Poesia. Cumprimentam-me com um sorriso quando saio.

### Oração

Meu Deus! Libra-me das misérias que estão por detrás de todas as riquezas e das riquezas que estão por detrás de todas as misérias!

### Apontamento

As luzes vivas apagaram-se e foram substituídas pela serena cumplicidade das lâmpadas encarnadas. A sala lembra assim um aquário. As meninas de braços cruzados, sentam-se a toda a volta da sala. Os rapazes circulam, apreciando, avaliando. Elas de braços cruzados esperam. Não sei por quê, nestas circunstâncias, sempre me vem à ideia a música do «Mercado Persa».

### Depoimento para a Emissora

Zé Caracol é um herói português. Um modelo para as crianças portuguesas. Aventuras que ultrapassam as de Duarte Pacheco Pereira e as de Fernão Mendes Pinto. É por isso que se prefere contar às nossas crianças as aventuras de Zé Caracol.

### Brinquedos

Não percebo como, junto dum presépio, podes pôr um pequeno tanque de guerra para o teu filho. Gostarias de ver o teu filho dentro dele?

### Dizer mal

Tão fininha, parece uma figura de porcelana. Tem qualquer coisa de ave. O marido leva-a pelo braço como se temesse pela sua fragilidade. E aqui para nós: parece que não lhe faltam razões para isso...

### Aqui está

Um abajo custa o vencimento de um mês. Um bom livro, é o vencimento de um dia. E anda tanta gente a querer saber os motivos da crise.

### Dr. Costa Faro

Esteve no Algarve, a fim de representar os municípios do distrito de Vizeu na cerimónia da inauguração do monumento ao Eng. Duarte Pacheco, em Loulé, o nosso querido amigo e prezado assinante, sr. Dr. António de Figueiredo da Costa Faro, distinto advogado em Vizeu e presidente da Comissão Municipal de Turismo da mesma cidade.

## “MARROCOS ANDALUZ”

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

II

### Os séculos sírios

NO FINAL do período neolítico chegaram ao Sul espanhol influências orientais que inauguraram um contacto permanente entre a Andaluzia e as terras da Síria e A'sia Menor, — contacto este que chegou a ser enorme durante o predomínio dos Fenícios e dos Cartagineses e que continuou a sê-lo durante o Império Romano, época em que os mercadores da Síria acapararam o comércio dos portos andaluzes. Foi, pregado e organizado por sírios, que o Cristianismo chegou à Espanha. E sírios eram também os primeiros muçulmanos que cá vieram.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

## GAZETILHA

## OS BICHOS

*Coisa que os nervos contunde, mistério que a uns confunde e a outros dá certa mágoa, são uns bichos encarnados que, sem serem convidados, surgem agora na água.*

*Com a forma da lombriga, saíram valente espiga, pois toda a gente se apura, quem água quiser beber terá, antes, de a ferver, o que lhe tira a frescura...*

*Outros bichos, e marotos, são os ratos dos esgotos, grandes, vorazes, ladrões; se encontram escapadela a dona de casa, ai dela!, vê-se em sérias aflições.*

*Mas, falando em bicharia, a que dá mais arrelia a quem nos jornais trabalha, é uma bicha teimosa que ataca os versos e a prosa: a famigerada «gralha»!...*

BIN OCLO

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

A continuar os seus estudos, retirou para Lisboa, o sr. Fernando Leonel Viagas Alvares, aluno da Faculdade de Medicina.

Retirou para Cuba, onde foi colocado na Secretaria Judicial, o nosso prezado assinante, sr. João Marques Colaço.

Com sua esposa encontra-se em Lisboa, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. José Alves Mestre, digno Tesoureiro da Câmara Municipal, desta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. João Correia Centeno de Sousa, residente em Lisboa.

Com sua irmã, sr.ª D. Maria Duarte Baltazar, seguiu há dias para Lisboa, a sr.ª D. Júlia Duarte, nossa prezada assinante.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante, sr. Francisco Vieira Tenório, residente em Sevilha.

Com pouca demora, esteve nesta vila, o sr. P.º Manuel Correia de Brito, nosso prezado assinante em Vila Nova de Cacela.

Regressou de Lisboa o nosso prezado assinante, sr. Alvaro Magno Guerreiro, director técnico da Farmácia Carrilho.

Encontra-se em Lisboa, acompanhada de seu filho Manuel, a sr.ª D. Maria Medeiros Bravo, esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. Manuel Bravo.

## Doente

Encontra-se completamente restabelecido da doença que o acometeu recentemente, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques, vice-presidente da Câmara Municipal desta vila.



## Emídio Padesca Carlos

Sua família participa que amanhã, dia 23, pelas 9 horas, será rezada missa por sua alma, na Igreja desta vila. Desde já agradece a quem se digne assistir.

Vila Real de Santo António, 21 de Novembro de 1953.

Está indeciso? Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

## Noticiário da Província

## PORTIMÃO

## Notícias Pessoais

Vindo de Lisboa, e acompanhado de sua família, tem permanecido nesta cidade, o sr. José Gonçalves Rodrigues, ilustre jornalista e delegado em Lisboa do nosso colega «Diário do ALENTEJO».

## A Feira de S. Martinho... e a iluminação do Largo do Dique!

Terminou a Feira de S. Martinho, que atingiu extraordinário esplendor e movimento.

Onde há dias havia bulício, reina agora a calma e o silêncio. Extinguiu-se a perturbante e enfadonha «cantilena» dos alto-falantes, tantos que nem se percebia o que pretendiam comunicar. Que confusão, que amálgama de «reclames» inúteis e música fragmentada!

Acabaram-se os divertimentos e as «tascas» do precioso líquido roxo, em que não havia o horário das 10 horas e onde os devotos de S. Martinho lhe prestaram honrarias. Também lá foram no turbilhão da debandada geral as «Escolas de Tiro»; num conjunto de barracas que serviram de espectáculo para todas as idades. Enfim!...

De tudo o que houve e o que há, ficamos em desvantagem, tanto mais se considerarmos que as Avenidas do Dique e o respectivo Largo, onde existia balbúrdia e luz a jorros, não é agora mais do que uma leve amostra do que foi e nos aponta como problema urgente a sua iluminação, que tanta falta lhe faz e que tem merecido desagradáveis referências de muitos indivíduos que nos visitam e que têm sincera admiração pela nossa cidade!

Voltamos hoje a este assunto, apesar de já ter sido ventilado nestas colunas diversas vezes.

Desculpem-nos a insistência, mas entendemos por bem apontar as deficiências existentes na cidade, como justo achamos falar das suas belezas, que não podem suprir, entendido é, as anomalias que podem prejudicá-las imensamente. Existe uma solução muito viável desde que sobre o assunto recaiam as atenções das entidades competentes, que consiste na iluminação parcial, enquanto não se resolvem definitivamente as dificuldades existentes, que sómente poderão justificar, muito vagamente, o estado pungente e nada digno em que o assunto se encontra.

Portimão não pode nem deve deixar-se cair na apatia e indiferença das realizações que tendam a prestigiá-la, vivendo sómente à custa dos louros alcançados pelas suas belezas, desenvolvimento de diversos sectores da sua vida cidadã e do lugar de preponderância que o turismo lhe proporciona! — e.

## VILA NOVA DE CACELA

Passou a noite de domingo, 15 do corrente, na propriedade da Quinta de Cima, desta freguesia, como hóspede do sr. Engenheiro Sebastião Garcia Ramires, deputado da nação e Vice-Presidente da Assembleia Nacional, o sr. Dr. António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, acompanhado de Ministros de diversas Pastas. O ilustre visitante partiu na manhã de 2.ª feira, acompanhado de sua comitiva, para Loulé, afim de presidir à homenagem prestada ao saudoso Ministro Duarte Pacheco.

Já começaram os trabalhos de abertura da avenida de acesso às escolas oficiais, melhoramento há muito esperado, que causou geral regozijo aos habitantes da freguesia.

Este melhoramento faz parte da projectada zona de urbanização que por diversas questões não começava.

E' justo destacar a boa vontade do presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, sr. Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, e da sr.ª D. Ana do Carmo Palma, usufrutuária dos terrenos, a quem se deve a antecipação dos trabalhos.

E' também de grande necessidade a abertura da rua nascente-poente, que julgamos ser de mais fácil execução. — e.

## VILA DO BISPO

## Comparticipação

Foi concedida à Camara Municipal de Vila do Bispo, pelo Fundo de Desemprego, a participação de 15.000\$00, para o abastecimento de água à vila, e bem assim à vila de S. Geres e outras localidades. — e.

Oportunamente «Noticias do Algarve» inserirá colaboração da sua terra e defenderá os seus interesses

No próprio interesse de V. Ex.ª consulte sempre a

## TIPOGRAFIA SOGORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

Os C. T. T., serviços públicos a que rendemos as nossas homenagens pela sua organização, entregar-lhe-ão no seu domicílio, sem mais trabalho, os bilhetes que pedir à Rua dos Fanqueiros, 221-2.º, em Lisboa, para a

## 37.º Sorteio promovido pela

Comissão de Propaganda de

## INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

o qual se realizará em 6 de Janeiro de 1954 e compreende os seguintes prémios, ricos de valor material e de utilidade:

- 1.º — 1 automóvel «Hudson», modelo Super-Jet
- 2.º — 1 automóvel «Taunus 12 M» Tudor
- 3.º — 1 automóvel «Fiat», modelo «Novo 1.100»
- 4.º — 1 automóvel «Austin A 30»
- 5.º — 1 motocicleta «Norton» ES 2, de 500 cc.
- 6.º — 1 motoscooter «ISO», com 2 selins
- 7.º — 1 motoscooter «Lambreta» 125 cc., modelo LD
- 8.º — 1 Scooter «Cityfix» mod. 51 M, com motor Lutz
- 9.º — 1 automóvel «Austin Jor» para criança
- 10.º — 1 bicicleta «Flecha» para rapaz

400 meias libras de ouro, cabendo uma a cada um dos 20 números antecedentes a cada prémio e outra a cada um dos 20 números posteriores.

Preço de cada bilhete: { de 5 números 10\$00  
de 12 » 20\$00

Fazer acompanhar os pedidos da respectiva importância: a dos bilhetes e a dos portes do correio, para uma remessa rápida.

## Duarte Pacheco

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sionou vivamente pela comovida saudade que o impregnou.

Loulé, que recebeu as figuras mais representativas de Portugal, soube manter brilhantemente a nobreza das suas tradições, o que nos apraz registrar.

O monumento, que se deve à concepção do ilustre arquitecto, Prof. Cristino da Silva, representa uma coluna de cerca de 17 metros de altura, truncada na parte superior (simbolizando a trágica interrupção na obra de Duarte Pacheco). Num plinto colocado junto da base do fuste, um baixo-relievo em bronze da autoria do Prof. Leopoldo de Almeida. 18 motivos, representando a obra do homenageado, em baixo-relievo, ficaram-se devendo aos escultores Barata Feyo, Henrique Morais, Alvaro Brée, João Fragoso, Martins Correia, Raul Xavier, Anjos Teixeira, António Duarte e Euclides Vaz, que ofereceram desinteressadamente os seus trabalhos.

Num muro de cantaria, semi-circular, uma síntese: «Uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio» — frase proferida pelo Dr. Oliveira Salazar na Assembleia Nacional.

## POSTO DE GASOLINA

Inaugurar-se-á, brevemente, à entrada desta Vila, no sítio do Encalhe, um depósito para abastecimento de gasolina e gasóleo, estando também apetrechado para demais assistência a viaturas automóveis.

Trata-se de uma iniciativa da Companhia Sacor, de grande utilidade para os carros que ali se cruzam para Faro, Beja e esta Vila.

## Agradecimento

A família de João Pacheco, reaceando incorrer em qualquer falta embora involuntária, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a última morada o seu querido e sempre chorado pai, sogro, avô e parente.

Castro Marim, Novembro de 1953

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República-Telefone 12

Assine, pois, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

## Agradecimento

A família de Teresa Romão, agradece reconhecidamente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar à sua última morada, a sua muito querida mãe, sogra, avó e parente.

Vila Real de Santo António, 20 de Novembro de 1953.

## AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António de 13 a 19 de Novembro:

Trainceiras:	
Raulito . . . . .	15.980\$00
Flor do Guadiana . . . . .	12.640\$00
Maria Rosa . . . . .	10.255\$00
Tufão . . . . .	8.225\$00
Norte . . . . .	7.590\$00
Leste . . . . .	7.535\$00
S. Domingos . . . . .	3.430\$00
Flor do Sul . . . . .	975\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>66.630\$00</b>

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 14 a 21 de Novembro:

Entradas:	
ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.	
ALABE, Panamiano, de 1.577 toneladas, de Sevilha, vazio.	
GORGULHO, Português, de 1.196 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
CONDESA, Espanhol, de 1.306 toneladas, de Leixões, com carga diversa.	
TERCEIRENSE, Português, de 1.295 toneladas, de Setúbal, com carga diversa.	
MELILLA, Alemão, de 1.706 toneladas, de Sevilha, com carga diversa.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.	
ALGARVE, Holandês, de 472 toneladas, de Lisboa, vazio.	
MEDEA, Alemão, de 1.272 toneladas, de Faro, com carga diversa e arame para este porto.	
Saídas:	
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com enxofre e minério.	
GORGULHO, Português, para o Funchal, com sal.	
CONDESA, Espanhol, para Génova, com escala por Cadiz, com conservas.	
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.	
MELILLA, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com escala por Lisboa, com cortiça.	
ALABE, Panamiano, para Dublin, com minério.	
TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada (Açores), com sal.	
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério.	
MEDEA, Alemão, para Sevilha, Hamburgo e Bremen, com cortiça.	

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 21 a 27 de Novembro a Farmácia Silva, Rua Dr. Miguel Bombarda - Telefone 64.

## HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro:  
As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

## HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:  
Rápido, às Segundas, Quartas e Sextas-feiras, às 13,13 horas.  
Correio, às 21,33 todos os dias.  
Partidas de Vila Real - Lagos:  
As 6,38, 15,43, 16 e 18.  
a) Estes dois comboios partem da Estação.

## PERDEU-SE

Um brinco de criança, com três pedras, uma vermelha e duas brancas. Pode ser entregue nesta Redacção.

## Ao Comércio

Indivíduo apres., educado, longa prática comercial, fanteiro, oferec., para empregado balcão, viajante ou lugar compatível, em casa de movimento. Cede refer.

Resposta: Armandino Simão — Portimão.

## Dactilógrafo

Oferece-se ao domicílio, e bem assim para arquivo de correspondência e fidejuro.

Manuel Monchique Ribeiro Alves  
Vila Real de Santo António  
Telefone 211

# TEIXEIRA GOMES E A POLÍTICA

NA LISTA dos presidentes da República, o representante do Algarve é Manuel Teixeira Gomes, o exilado voluntário de Bougie, uma cidadezinha francesa da África do Norte, sobranceira ao mar, onde ele encontrou o sossego para a sua velhice, o lenitivo para o saudosismo da sua terra distante e, até, o isolamento tão necessário a quem tão profundas queixas tinha dos homens. Aí se fixaram os seus olhos, fartos de verem mundo; aí se fecharam para sempre, sem terem podido rever a terra onde nasceu, nem os entes mais queridos.

A política, que lançara para tão longe Teixeira Gomes, só passados muitos anos, num momento de lucidez, foi buscar as suas cinzas. Mas a justiça completa só a Pátria a fará, quando... os últimos fumos dessa mesma política se desvanecerem. Eles ensombram, ainda, a figura do grande escritor.

Teixeira Gomes que—segundo dizia—atravessara o lamaçal da luta dos partidos sem se salpicar, não evitou, contudo, que alguns inimigos publicamente o ridicularizassem! Vamos apenas referir dois casos.

Em 1914, a Austria, evocando uma razão pueril, entrou em guerra contra a Sérvia. A Europa agitou-se e, mercê dos compromissos internacionais existentes, dividiu-se em dois partidos irreconciliáveis. Por-

POR  
**J. SILVA CARVALHO**

tugal estava ligado à Inglaterra pela aliança secular e a neutralidade era-nos difícil. O Governo português ambicionava-a ferverosamente e, nesse fervor, era secundado pelo nos-



M. Teixeira Gomes  
(Gravura em madeira de M. Cabanas)

so mais alto diplomata em Londres, ao tempo, o Embaixador Teixeira Gomes.

Infelizmente, em Paris, ocupava idêntico cargo João Chagas—um diabólico personagem que, por todos os meios, procurava atirar a nossa carne de canhão para os campos de Flandres! Junto do Governo francês ele anulava sistemáticamente todos os esforços da nossa diplomacia. Ao serviço do mal, a sua actividade era prodigiosa e a tal ponto que venceu a inércia do Ministério, agitando a opinião do Parla-

mento e destruindo a propaganda de Brito Camacho, inimigo feroz da nossa entrada na guerra.

Durante essa luta, Chagas começou a odiar Teixeira Gomes que, segundo depois escreveu, «estaria inspirando o o governo português com as indicações de política duvidosa que sempre lhe conheci». E não se detendo sómente neste juízo singelo, descarregou a sua bilis odienta sobre a figura do patriota que, em Londres, cumprira simplesmente as directrizes do seu governo:

«Fui eu o primeiro homem que em Portugal lembrou este Teixeira Gomes para diplomata. Quando veio a República, era tão pequeno o número de pessoas de boas maneiras ao seu serviço, que eu lembrei-me dele, posto o não visse há muitos anos, por ter ideia de que era um rapaz inteligente, artista, ou vagamente artista, um pouco poseur, o que não prejudicava o caso, e que não se arranjava muito mal. Lembrei-o ao Bernardino Machado, que o man-

dou vir de Portimão e não gostou dele, por lhe parecer impertinente ou desrespeitoso. O amor próprio de Bernardino Machado, não suporta aparências altivas, mas enfim lá o aceitou».

«Como sempre, porém, fez uma tolice e em vez de o colocar em Madrid, onde ele não estaria muito fora do seu lugar, no meio um pouco cigano da Espanha, colocou-o em Londres, onde está inteiramente déplacé. Londres reclamava um homem grave. O Teixeira

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

## ATRAVÉS DO PASSADO

# REALIDADES DA VIDA

COMÉRCIO e a indústria atravessam uma crise aguda no nosso País, particularmente, na provincia do Algarve.

Vamos apreciar, apenas ao de leve, as causas e os efeitos desta crise algarvia.

O professor inglês Stanley Jevons, tratando da economia das nações, inicia a sua tese de economista com estas palavras sensatas e profundas: «A economia política trata da riqueza das nações; procura as causas que tornam uma nação mais rica e mais próspera do que outra. O seu fim é ensinar o que é preciso fazer para diminuir tanto quanto possível, o número dos pobres, e guiar cada um no sentido de tirar do seu trabalho a melhor compensação.»

Este enunciado é de noções claras e de realidades palpáveis. É um especialista inglês que o desenvolve com a lúcida serenidade da fria gente da sua raça.

Quatro terras algarvias são especialmente atingidas pela

POR  
**MARCOS ALGARVE**

crise actual: Lagos, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António. Mais uma prova se faz de que os extremos se tocam.

Estas duas cidades e duas vilas, quando o peixe abunda nas suas *lotes*, são das mais ricas e comerciais; mas, quando passa um mês ou mais sem haver peixe, transformam-se nas mais pobres.

Os operários enfrentam muitas necessidades; o comércio definha-se; o ambiente carregase de clamores, ódios e invejas...

É haverá meio de evitar estes males periódicos? Há. Dentro das possibilidades de todos. Usando de uma economia severa. Limitando os vícios. Reprimindo os passeios. Contendo os apetites. Desprezando o luxo. O luxo é um dos piores defeitos da nossa gente. Todos querem fingir de ricos, guiados por um

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

# ZOLA, O ULTIMO PROFETA

POR  
**RODRIGUES PENA**

NÃO há dúvidas que o decorrer do tempo é ainda o melhor aferidor do valor ou inutilidade das obras dos homens. Ocorrem-nos nomes que na sua época gozaram de franco prestígio e glória e que passaram rapidamente ao olvido e obscuridade, enquanto outros que viveram uma vida apagada emergiram mais tarde do esquecimento e ostracismo a que os seus contemporâneos os tinham votado. Não é esse, no entanto, o caso de Emílio Zola.

O autor do «Germinal» teve a seu tempo e ainda nos dias da sua vida a sua glória e o seu prestígio, aliás digna e valorosamente merecidos. Foi amplamente compreendido como o demonstram as críticas da sua época. Aplaudido ou cruelmente repudiado pela critica pode vangloriar-se de ser o escritor mais lido do seu tempo. Disse Nietzsche, que há homens que nascem póstumos. Ora, Zola, não só escreveu para os homens do seu tempo como também escreveu para os homens do futuro. E a prova disto é que continua a ser lido com entusiasmo e até com bastante proveito por uma enorme legião de leitores. Foi o último dos profetas da literatura do seu século.

Viu ainda ou adivinhou os grandes tumultos sociais do nosso tempo assistiu aos primeiros desmoronamentos dos velhos edifícios sociais, e ajudado pela sua imaginação e visão excepcionais, arquetipou no cérebro essa sociedade futura, essa grande colmeia de homens devotados ao trabalho, edificando uma vida harmoniosa e de justiça. O seu apregoado revolucionarismo, aliás já posto em dúvida ou desmentido por alguns dos seus críticos, é todo feito de clamores, de gritos, de gestos ostentórios, de avisos prévios das hecatombes que o escritor se apercebia rolarem nos largos e confusos horizontes da vida social.

Ninguém como ele soube movimentar as multidões, pintar os amplos quadros onde se agitam e fermentam as ideias e interesses em plena combustão. Foi assim o primeiro narrador da vida da rua, o fotógrafo consciente dos acontecimentos colectivos, uma espécie de reporter atento às diversas peripécias e mutações verificadas no grande proscénio que é uma grande cidade na sua existência quotidiana. Sendo o último profeta do século foi também, em certos aspectos, o último romântico duma literatura que se reclamava exclusivamente de realista. É certo que os escritores que lhe sucederam renegaram todos eles os processos de Zola, oferecendo ao público uma literatura dessorada e piegas que trazia a marca dum outro romantismo falsado nas intenções e nos objectivos.

Um Paul Bourget envereda por um psicologismo de salão enquanto o «adorável» Jorge Onhet se diverte calmamente a escrever invertebradas historietas para uso e recreio de meninas sentimentais. Zola, era homem de outra estirpe, viera dum mundo diferente, de um mundo onde as coisas não se apresentavam tão fáceis ou complacentes. Era escritor para descrever as grandes tempestades humanas e não se dedicou a historietas de fito sentimental para delícia de gente ociosa e refestelada. Pressentia na atmosfera do seu tempo a grande tragédia do futuro: as labaredas que se elevariam nos horizontes, as grandes hemorragias de sangue humano, os dramáticos exodos das pessoas sem lar, dos braços caídos à busca do trabalho, de todo um mundo que se convulsionava em espasmos de sofrimento e dor. Zola é bem um novo profeta de novos apocalipses. O seu século tão promissor e confiante dera em franca bancarrota. Já se não acreditava cegamente no poder ilimitado da ciência.

O racionalismo era atacado por todos os lados, os místicos não deixavam de o golpear entoando hosiannas de breves triunfos. A sua volta, Zola pressentia as aves agourentas e fatídicas a anunciar a existência de sombras. Não tardaria Brunetiére a lançar aos quatro ventos a falência da ciência acompanhada de um coro de vozes pessimistas e desiludidas. E o caso Dreyfus, o célebre caso de espionagem e traição é o remate final, o canto do cisne desse belo século e esperanças e ousadias.

Hoje olhando retrospectivamente e tendo presentes na memória inúmeros casos semelhantes ao Dreyfus, homens apodrecendo no fundo das prisões, fusilamentos em série, processos deshumanos e sumários, fornos crematórios, todo o amargo pesadelo de uma civilização que

tem primado pelo requinte da tortura, pode-se analisar a Questão Dreyfus como um dos últimos belos gestos da sociedade. Isto sem pretendermos minimisar o significado dessa humana campanha que dividiu e apaixonou a França e o mundo e que se tratava unicamente de salvar uma vida humana e combater um monstruoso erro judiciário. Claro que, para Zola, a sua intervenção no caso não foi isenta de grandes perigos e desassossegos.

Não lhe faltou no fim da vida a coroa de espinhos que lhe deu incontestavelmente jus a considerar-se um mártir das prepotências e uma vítima das multidões embrutecidas por um falso e doentio patriotismo. Mas isto comparando esse caso com centenas de outros desenrolados na maior das indiferenças e apatia das consciências, não inválida o aspecto romântico duma sociedade que então ainda acreditava nas virtudes morais e nos princípios da dignidade humana. Certamente, Zola, ainda sentiu os ruidos dos ventos contrários que sopravam no mundo. Uma morte inesperada, originada por desastre, impediu-lhe que compreendesse na sua dramática visão todos os acontecimentos que se forjavam e azeinhavam nos duvidosos e incertos dias do futuro. A sua obra, entretanto, constitui um bom repositório de toda a tragédia da nossa época, um eloquente e fiel testemunho dos acontecimentos do tempo em que viveu e uma tentativa ousada das experiências de que sofre o nosso mundo. Foi um profeta, um vidente à sua maneira, procurando nas leis científicas descobrir a trajectória do dever. Nada escapou à sua observação atenta e à sua inteligência penetrante. E as suas visões tem qualquer coisa que as aproxima das profecias do apocalipse.

Quem ler os seus livros lá encontrará muitas das preocupações e dos problemas que se agitam no nosso mundo: as loucas corridas armamentistas, a absorção das pequenas empresas pelos grandes potentados, a asfixia da produção pelos monopólios, os golpes da alta finança fazendo de um momento para outro colossais fortunas—todo o inquietante panorama social se encontra na imensa obra do criador dos Rougons—Macquart. Na fidelidade das suas descrições dos factos e acontecimentos que observou atenta e minuciosamente, nas suas grandiosas visões e arrebatamentos, Zola foi na verdade, o último dos grandes profetas do século XIX.

## PARA SI, minha Senhora

# O Vestidinho Cinzento

por Noémia Gili Faria

EM TODAS as colecções há sempre modelos de grande audácia e sensação, que delicias as jornalistas — pois lhes permitem largas e interessantes reportagens — e que apenas um número muito limitado de senhoras compra. Diz-se, em França, que apenas as senhoras amantes do sensacionalismo usam estes vestidos que fazem «Boum!», como na canção famosa. São esses vestidos, realmente, os que trazem «qualquer coisa de novo», mas a sua audácia (talvez por vezes excessiva) acaba sempre por se traduzir em dois ou três detalhes que, transportados para modelos menos vistosos, definem, afinal, a moda de cada ano. Estes vestidos lembram aqueles quadros de grande preço que adoráramos possuir, mas que, condecorados, destoariam na relativa modestia das nossas casas.

Este ano a senhora elegante tem um vestido preto, a audaciosa tem um branco, a excêntrica um de pele de leopardo e a que gosta de andar à moda — como não podia deixar de ser — tem um cor de conhaque. Todas elas, porém, já possuem um vestidinho cinzento, sem o qual não estará completo o guarda-roupa de nenhuma elegante de 1954. Adora-se o vestido cinzento porque está na moda e também porque fica maravilhosamente à pele das brancas e das morenas, tornando mais bonitos todos os rostos; exalta a se-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Para si, minha senhora

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

dução das mais jovens e não apaga o encanto das que o são menos, e, enfim, razão das mais importantes, não prejudica nenhuma silhueta. É uma cor que não grita, que não diz «estou aqui, vejam-me!», mas pelo contrário se apaga para que realce toda a beleza da mulher. Há agora, vários tons de cinzento: amarelado para os olhos castanhos, esverdeado para os olhos traiçoeiramente verdes ou acinzentados, cinzento azulado para os azuis e cinzento-cinzento para todos os outros. São lindos, na verdade, alguns novos tons de cinzento, como o ferro, o rato, o elefante, o prateado, o platina, o pérola a o mais suave de todos, o cinzento céu de Paris...

Muitos são os tecidos que se iluminam com estes novos tons, desde as flanelas, os «tweeds», os «jerseys» e as sarjas de lã, até às sedas modernas, passando pelos veludos, pelos «rayons» e pelos «nylons». Os chapéus inclinam-se, igualmente, para a «segunda cor» da moda, mas é preciso não esquecer que a elegante de 1954 nunca usará o chapéu no mesmo tom do vestido. Se este é claro, o chapéu é escuro; no caso contrário, é de cor clara. É preciso não esquecer também que, embora sempre elegante e valorizando como nenhum outro o rosto das senhoras, o chapéu preto está um bocadinho fora de moda. Quanto ao chapéu branco, deve acontecer-lhe o mesmo que ao de penas: — sotão com eles. Não se usa mesmo nada. Em compensação, usa-se imenso o vestido branco, sobretudo nas horas mais elegantes.

Entre as cores modernas (conhaque, preto, branco, azul forte, verde, vermelho e cinzento) é talvez esta última a que mais se está vendo pelas ruas de Paris. É uma verdadeira invasão, mas uma invasão doce, sorridente, calma sem tristeza; enfim, uma obsessão encantadora, a que se cede gostosamente. E como há também a moda do cinzento nos fatos e nos sobretudo dos homens, acentua-se mais ainda a voga da linda cor. Veste-se cinzento nas horas da manhã, da tarde e da noite. Emprega-se nos vestidos de alta costura feitos nos tecidos mais luxuosos e caros. Mas esses escondem-se dentro dos automóveis de preço. O que dá às ruas de Paris esta nova tonalidade é o vestidinho ligeiro, que este ano todas fizeram na linda cor. Pode-se dizer, na verdade, que, se a vida não é «en rose», é, com certeza, cinzenta mas de um cinzento claro, mimoso, feliz e sereno como serenos e soalheiros vão correndo (pelo menos, aqui em Portugal) estes dias luminosos desta encantadora meia estação.



a única lâmina que barbela toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino  
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

### Sociedade Sam Domingos, Lda.

Por escritura de 10 de Outubro de 1958, lavrada a fls. 29 e seguintes do livro n.º 88 do cartório notarial do concelho de Castro Marim, a cargo do bacharel João Lourenço, o sócio António Mateus da Silva, devidamente autorizado pela sociedade e pelos demais sócios, cedeu a sua quota de 200.000\$00 que possuía nesta sociedade ao sócio João Gregório, com todos os seus respectivos direitos e obrigações, e o sócio António Ramos, devidamente autorizado pela sociedade e pelos sócios, dividiu a sua quota de 100.000\$00 que possuía na mesma sociedade em quatro de 25.000\$00 cada e cedeu uma de 25.000\$00 a João Ferreira Gregório, outra de 25.000\$00 a José Ferreira Gregório, outra de 25.000\$00 a Rita Ferreira Gregório e outra de 25.000\$00 a Francisco Alves do Carmo Pessanha, com todos os seus respectivos direitos e obrigações.

Castro Marim e Cartório Notarial, 25 de Outubro de 1958.

O Notário,  
João Lourenço

Ficando a pertencer actualmente ao sócio João Gregório 50% do capital social e os restantes 20% aos actuais sócios.

## Holland-America Line

### SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 25 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«PILCOMAYO» - 21 de Novembro

«LOCH RYAN» — 3 de Dezembro

«LOCH AVON» — 17 de Dezembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª L.ª DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

«O barato custa caro»  
pensam todos, com certeza...  
Pois quem fez esse reparo  
nunca pensou na «Viresa»!!!

CONFECÇÕES

## Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## BARCOS DE PESCA

### VENDEM-SE:

A antiga traineira COSTA DOIRO, equipada com um motor DIESEL de 75 HP. da marca VENN-SEVERIN e sem a licença de pesca.

Um barco enviada, denominado NINFA, equipado com um motor da marca KELVIN, a petróleo, de 25 HP.

Um barco enviada, denominado PEIXE ESPADA, equipado com um motor da marca SEFFLE, semi-Diesel, de 10 HP.

Um barco enviada, denominado MARINA, equipado com um motor marca DEUTZ, a gazoil, de 24 HP.

OS BARCOS PODEM SER VISITADOS EM LAGOS

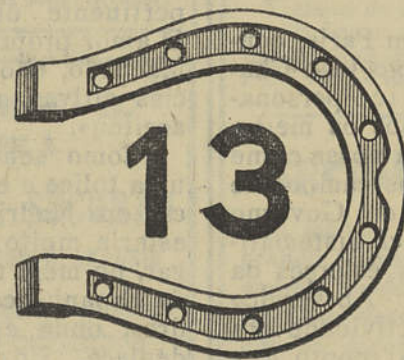
Tratar com ANTONIO DA SILVA FREITAS

LAGOS — ALGARVE

# VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS  
de Consumo e Exportação  
**QUE MARCA**

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa  
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

**África e Brazil**

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA  
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,  
«Minha Ultima Marca»  
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

## ANTONIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

# REALIDADES DA VIDA

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

instinto mórbido, por um sentimento dissoluto, por uma inconsciência ruinosa.

Não frequente igrejas, mas sei que há padres inteligentes que, nas suas homilias dominicais, aconselham as suas ovinhas a não desbaratar o dinheiro em artigos de luxo.

O luxo, para raparigas pobres, é um dos seus piores atractivos, uma das mais perigosas tentações da alma e do corpo...

O Cristianismo, como outras religiões, tem a sua moral privada, o seu fundamento de pureza e perfeição. Não seguir os seus preceitos nem respeitar esse Cristo humilde que vão adorar nos templos, corresponde a renegar toda a moral niveladora e toda a essência espiritual que o Cristianismo encerra.

Platão recomendava aos seus discípulos prudência na língua e vergonha no rosto, virtudes que o sublime ateniense cultivou com afinado amor. O tempo dos grandes filósofos vai longe; porém, o tempo dos grandes poetas ainda está perto.

Dentro do pequeno Portugal, rutilante e vigoroso, continuemos a ler as estrofes geniais de João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Gomes Leal.

Fala primeiro, como o mais simples e bondoso, João de Deus:

Tinha o Céu da alma as sete cores,  
Valia-me este Mundo um paraíso,  
Destilava-me a alma um doce riso,  
Debaixo de meus pés brotavam flores!

Antero, o revoltado, regressa do seu exílio de amarguras:

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Junqueiro, o terrível poeta que tantas blasfêmias burilou, pára em um dos seus poemas satânicos para exclamar:

E dizer que, havendo Deus,  
Fonte de imensa piedade,  
Há criancinhas sem berço  
E almas sem claridade!

Gomes Leal, o desventurado e glorioso poeta das «Claridades do Sul», da «História de Jesus» e de outros poemas crentes e descrentes, sátiras fulminantes e orações de um sabor verdadeiramente tonificante, reza em versos inspirados o encontro da Samaritana com o Rabi da Judeia:

— «Senhor! Como é que tu, que és um [hebreu,  
Não recusas, como uma tal como eu,  
Que sou uma mulher Samaritana,  
De falar e beber de mão profana  
A água que aqui jaz nesta cisterna?»

— Eu sou, torna o Rabi, a água eterna.  
Sou a linfa corrente da Verdade,  
Que corre, sem cessar, da Eternidade,  
De uma nascente augusta e inexaurível.  
Sou água da Força, em que, impassível,  
Vem beber a Justiça intemerata.  
Sou o veio ideal de branca grata,  
Em que bebemos Céus, os Bons, os Castos.  
Beberei dessa água, até de rastos!

Aquela água que o poeta analisa com alto sentido espiritual é a que o povo troca por bebidas fermentadas, por ideias corrosivas e por fantasias tenebrosas.

Dentro da Humanidade, como elementos básicos, fatídicos e hereditários, há-de eternamente actuar a ambição, a inveja, a cobiça, a vaidade e o egoísmo.

# Teixeira Gomes e a Política

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

Gomes é uma espécie de Oscar Wilde, com alguns vícios deste e sem o seu talento. É um céptico e, sem injustiça, um cínico. Riconstantemente, mostrando uns dentes de coelho. Não é feio homem, mas faltalhe nobreza. Os seus cabelos e a sua barba são brancos mas não inspiram respeito. Parece um clown enfarinhado... Positivamente não andei bem inspirado quando aconselhei esta aquisição ao primeiro governo da República.

Era assim que este homem maldizente analisava um companheiro de luta!

Um dia, o Oscar Wilde sem talento abandonou Londres, a bordo dum barco de guerra inglês para vir tomar conta do mais alto cargo da Nação, sendo recebido em Lisboa com invulgar carinho. O seu difamador também deixou Paris, mas... a meio do caminho, foi recebido à bala, como um lobo! Houve alguém a quem o Chagas nunca enganou. Foi um homem: o Homem Cristo!

O período da presidência de Teixeira Gomes foi agitado pelos movimentos demagógicos e pelo estado de decadência económica proveniente do pós-guerra. Foi um dos tempos mais difíceis da história nacional. As críticas avultavam nos jornais e nas folhas volantes.

Rocha Martins, ex-redactor do jornal do sr. João Franco, encarnou-se na figura mal esgalhada dum certo Roberto e entrou a espancar, infatigavelmente, os políticos nas magras páginas do seu «Fantoche».

Recuemos a 1923. Vejamos agora a figura do presidente acima citado na voz esganiçada do bonifrate:

«O país não conhecia este homem antes de Sidónio Pais o ter mandado recolher a um quarto do Avenida Pálace porque desacreditou, na Inglaterra, servindo-se do seu posto diplomático, a revolução vencedora».

«O dever deste português era defender o seu país. Na fúria de obedecer às ordens de Lisboa — dadas pelo seu chefe, senhor Brito Camacho, que lhe deu a posição e a fortuna — foi contra Portugal numa fúria de rancor político».

Nem mais nem menos: Tudo mentira! Teixeira Gomes deu apenas a sua «palavra de honra» de que não sairia do Avenida Pálace antes de se apurarem os seus delitos. E, segundo parece, nada se apurou!

O resto, além de mentira, é calúnia: O autor de «Agosto Azul», o finissimo burilador da língua portuguesa não precisou dessa prisão para se tornar conhecido, nem de Brito Camacho. Já vimos atrás que foi João Chagas que o recomendou a Bernardino Machado.

Sobre a sua pretensa traição e sobre a sua riqueza, é ocioso falar-se. Não espante o dislate. Na voz roufenha deste Roberto de feira, a República definiu-se como um regime de assassinos, de gatunos, de farsantes, de oportunistas, de gananciosos... Só ele, o bonifrate, era a tal ponto virtuoso que, um dia, arrumou a barraca e fez-se republicano socialista! Coisas da vida!

E, contudo, Roberto tinha feito da República uma espécie

# “Marrocos Andaluz”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

diam directamente da Arábia, em frasquinhas semelhantes aos que se encontram em Chipre, em Susa e na Síria. Mais. Desenhos de triângulos sobrepostos que correspondem às palmeiras místicas das culturas mesopotâmicas. «Deste Oriente recebeu também a Espanha o seu sistema de fortificação, que repete o modelo das fortalezas sírias junto às correntes de água e com os mesmos fossos terraplenos, muralhas e torres.»

Portanto está quase absolutamente provado que ao mesmo tempo dos Iberos, ou pouco depois, chegaram ao Sul espanhol estas influências sírias em quantidade enorme. O que porém ainda se não conhece é quem as trouxe e se vieram acompanhadas da emigração massiva dum raça síria ou se foram obra de comerciantes avulsos.

A tese da chegada de emigrantes em massa baseia-se no facto de que precisamente no ano 4.000 antes de Cristo saiu do deserto arábico a maior e mais famosa onda de emigrantes árabes, empurrados pela seca e derramando-se pelas regiões vizinhas, sobretudo pela Síria onde se misturaram com outras raças semíticas. Suspeita-se de que muitos desses pudessem ter vindo para a Espanha pelo caminho do Saará, juntamente com os iberos já; e, assim, os iberos primitivos teriam já mistura de árabe, pelo menos no Sul espanhol.

Outra tese supõe uma emigração síria vinda talvez por mar, mas não de origem árabe, se não turca, pois os sumeres e os hititas (que agora se tem descoberto que procedem dos Turcos) povoaram então em grande número o Norte da Sí-

ria e a A'sia Menor, e tinham no seu folclore evidentes coincidências com os Iberos. Além disto, o coração do Cáucaso turco é a região chamada Ibéria, provável origem dessa raça, ou seja, tendo o mesmo nome que gregos e latinos deram à nossa península. E houve ali um riacho chamado Ebro. Além disso denunciativa é a persistência das raízes *tur* e *tart* para designar os povos da A'sia Menor e do Sul de Espanha: *Tartar, Turk, Turkiye, Turkestan, Tartis, Tartessus, Turdetan, Turdulos*, etc..

A tese de vinda por emigrantes avulsos tem relação com as primeiras emigrações fenícias, quer dizer, as de Biblos e Sidon. Linhas de navegação enlaçavam na idade da pedra pulida o Sul da Península e o Oriente. Assim, comercialmente, os fenícios haviam conquistado uma parte do mundo Mediterrâneo ocidental, muito embora a data fenícia mais antiga conhecida seja a de 2.900 antes de Cristo, época em que comerciavam com o Egipto do rei Snofrú.

Fosse porém qual fosse a origem das influências orientais eneolíticas, o que é evidente é que elas se concentraram na zona do Sul, — zona esta que era precisamente a removida pelos movimentos penibéticos, «com excepção do Algarve português que tem relação com o sistema mariano», ou seja a zona compreendida entre o Cabo da Nau e o Guadiana.

Ora precisamente entre o Cabo da Nau e o Guadiana é que se acumularam pouco depois os restos dessa grande civilização tartéssia descoberta pelo sábio alemão Adolfo Schulten e foi a primeira e mais remota civilização do Ocidente, — civilização recolhida no vale do Guadalquivir e nas cordilheiras que o limitam.

Nada se sabe todavia sobre a origem destes tartéssios. Talvez fossem uma variante dos iberos, ou tivessem uma raiz oriental. O que é positivo é que os primeiros gregos que chegaram a Espanha, distinguiram *iberos* e *tartéssios*, dando o nome de tartéssios aos que viviam ao Sul do Cabo da Nau e o nome de iberos aos que estavam para o Norte do Cabo e para o interior.

Tiveram os tartéssios uma civilização magnífica. Foi o bronze invento original seu, utilizando o cobre das minas de Huelva, exploradas desde então, e tendo sido muitas e diversas as produções da sua indústria. Também descobriram o aproveitamento do mel, e foram os inventores da navegação do mar alto, pois os seus grandes barcos de vela foram os primeiros que se atreveram a sulcar o Oceano, saindo das costas sevillanas e onubenses, e chegando, para o Norte até às Ilhas Britânicas, e para o Sul talvez que até ao Senegal e à Guiné, trazendo daquelas terras estanho, oiro, peles, etc., e difundindo por toda a parte os seus característicos dólmenes de corredores e galerias cobertas, hoje reconhecidos como um invento espanhol.

(Continua)

Olhão, 17-XI-53

Francisco Fernandes Lopes

Visado pela Comissão de Censura

O essencial, como medida preventiva, é reduzir ao mínimo essas paixões de ordem moral e social.

A linfa corrente da Verdade brota de um filão em que todos, sem excepções, podem usufruir a sua parte.

Marcos Algarve

## A RESPOSTA DOS PORTUGUESES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bruçado sobre o Atlântico, uma certeza cantava nos seus corações: Portugal pode abrir de par em par as fronteiras que ele caminha na vanguarda do progresso com as nações mais prestigiosas. Há estradas como as melhores da Europa, Lisboa é uma capital com grandeza e progresso inegaláveis, o povo veste melhor que em qualquer parte do mundo e um halo de beleza brilha sobre todas as províncias de Portugal.

Perante estas realidades, o eleitorado soube escolher perfeitamente. Em círculo nenhum a Oposição alcançou mais de dez por cento, enquanto os candidatos da União Nacional obtiveram médias que foram de 55% a mais de oitenta por cento. Um milhão de eleitores pronunciou-se pelo regime conduzido sob a égide luminosa de Salazar.

Segundo a opinião dum candidato da Oposição, as eleições a 1926 nunca tiveram a concorrência de mais de 20% dos inscritos. Como formação cívica não se pode negar ao Estado Corporativo o mérito de fomentar a formação eleitoral dos portugueses.

A Oposição deve delegados em todas as secções de voto, que tomaram conta dos números dos eleitores e assistiram à contagem final dos votos. Os menos insuspeitos de ardente partidário anotaram a seriedade absoluta da votação.

A ninguém se violentou e às urnas foi quem desejou votar e só quem o quis. Se os grandes iludidos esperavam esta hora para sentirem uma reacção colectiva contra uma pretensa *tirania*, compreenderam finalmente que a obra de Salazar é mais que a expressão dos anseios gerais, é mesmo uma realização de todos os portugueses de boa-vontade, colaboradores da recuperação nacional.

Os que vociferam, suponho alheios aos sentimentos meramente individuais, assistiram ao longo e interminável desfile dum multidão, que eles não conheciam nem pertencia aos seus grupos, e que são afinal os portugueses laboriosos e honestos, amantes da dignidade e da honra nacionais.

Durante um mês a Oposição falou livremente, desafiou e tentou amesquinhar o trabalho de oito milhões de cidadãos executado em vinte e cinco anos. Foi com plena satisfação que se observou esta extraordinária nota: a campanha da Oposição tombou no vácuo.

Perante os mais exigentes partidários dos métodos democráticos viu-se a Nação escolher livremente os representantes do pensamento político, que impôs novamente Portugal à consideração internacional.

Diamantino Gomes

## Campeonato Nacional da II Divisão

## ● FUTEBOLE ●

## Resultados da 9.ª jornada:

Almada, 3 - Desp. de Beja, 3  
Juventude, 2 - Montijo, 1  
C. U. F., 7 - S. Domingos, 1  
LUSITANO, 5 - Luso, 1  
Oihanense, 1 - União Sport, 0  
Portimonense, 1 - Farense, 1

## Em Vila Real Sto. António

Lusitano, 5 - Luso, 1

A contar para a 9.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, defrontaram-se nesta vila, no passado domingo, as turmas do Lusitano e do Luso do Barreiro.

Sob a arbitragem do sr. Anacleto Gomes, de Lisboa, as equipas alinharam:

**Lusitano:** Balbino; Rui e Reina; Rodolfo, Jorge e Sanina; Almeida, Padesca, Antunes, Modesto e Germano.

**Luso:** Nogueira; Valdemar e Rocha; Valente, António Maria e Esteves; Brito, Valério, Sousa, Capela e Medeiros.

O primeiro tempo acabou com o grupo local a vencer por 2-1, margem excessivamente diminuta para traduzir com verdade a superioridade dos vilarealenses.

O primeiro golo da partida foi conseguido pelos visitantes, por intermédio do seu centro avançado, com um remate frouxo que colheu Balbino desatento. Almeida e Antunes, porém, responderam com dois tentos, colocando a sua equipa a vencer.

No segundo tempo, Germano, Sanina e Antunes aumentaram a vantagem.

A partida não ganhou grande nível técnico mas não deixou de ter interesse não só pelo número de tentos registados como também pelas jogadas de perigo junto das balizas, principalmente nas defesas dos visitantes.

O Luso, e tal não causará estranheza, foi a equipa mais fraca das que nos têm visitado esta época. A defesa não mostrou grande consistência e a avançada revelou-se medíocre, não obstante a tarde pouco inspirada da defensiva local.

Por recearmos ser mal interpretados, comentaremos o trabalho da equipa do Lusitano, sem o intento comparativo com as exhibições precedentes, visto que, para tanto, teríamos de entrar em linha de conta com a diferença de valores defrontados e calcularmos até que ponto a equipa lusitanista beneficiou das facilidades concedidas pelo seu último adversário.

Assim, furtar-nos-emos a afirmar se o grupo encarnado jogou melhor ou pior que nas jornadas anteriores, fazendo os nossos juízos apenas à base dos acontecimentos.

O melhor sector da equipa foi, quanto a nós, o intermediário. Sanina e Rodolfo foram sempre voluntariosos e ampararam bem os movimentos ofensivos, com a preocupação de entregarem bem aos avançados. Principalmente Sanina.

O trio defensivo esteve longe do seu melhor. Rui mostrou-se lento sobre a bola e não patenteou a atenção ao jogo que lhe é peculiar. Jorge, a bater mal o esférico, fez uma partida com altos e baixos. Reina, como nos últimos jogos, avançou amiudada e abusivamente pelo terreno contrário, ocasionando sérios embaraços no mecanismo defensivo nos contra ataques adversários. Defeito a corrigir.

A linha avançada actuou com louvável preocupação de toda a «bola recebida bola passada», enleando constantemente a defesa contrária e criando sucessivas ocasiões de golo. Os extremos, de uma maneira geral, deram con-

## GRUPO EXCURSIONISTA

## «OS INICIADORES»

Sede: Largo de S. Pedro de Campanhã, 49

TELEFONE 5247

Porto, 2 de Abril de 1949

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»  
Vila Real de Santo António

Relembrando o 17.º passeio anual que o n/ grupo teve o prazer de levar a efeito no passado mês de Março do ano corrente, vimos muito reconhecidamente agradecer a maneira atenciosa e cativante como V. Ex.ª recebeu os componentes do n/ grupo.

E' nosso dever também manifestar a V. Ex.ª o bom serviço apresentado tanto no esmero de cozinha como o menu que agradou completamente à Direcção, como aos n/ consócios.

Prestamos assim inteira justiça e gratidão a V. Ex.ª como é merecedor.

Sem outro assunto, somos com a máxima consideração e estima.

De V. Ex.ª

Muito Atenciosamente

1.º Secretário

(a) Elísio Ferreira

tinuidade ao jogo recebido e centraram quase sempre com boa conta para o lado contrário, como mandam as regras. Antunes desmarcou-se a propósito para os lados, na tentativa de atrair o defensor central adversário mas os interiores poucas vezes corresponderam à manobra, faltando com a sua presença no vazio central. Padesca mais esforçado do que habitualmente. Pode-se porém exigir mais das suas qualidades. Modesto teve passes bem vistos mas prendeu a bola mais do que era conveniente, retardando excessivamente as entregas.

O Lusitano joga hoje em Beja com o Desportivo. Desafio difícil que necessita ganhar. A equipa tem valor suficiente para fugir ao tormento dos últimos lugares. Francamente, somos dos que acreditam nas suas possibilidades. O seu novo treinador, o internacional Félix, saberá dar-lhe, com o seu saber, os ensinamentos necessários e, com o seu prestígio de excelente futebolista, o moral preciso para vencerem as dificuldades.

L. C.

## Em Olhão

Oihanense, 1 - Montemor, 0  
GRAZINA foi a grande figura do encontro

Jogo no Estádio Padinha, presenciado por grande assistência, quicá a maior enchente da época.

Sob a direcção do sr. Abel Macedo Pires, auxiliado pelos juizes de linha, Silvério Bebião e Henrique Silva, da Comissão Distrital de Lisboa, os grupos formaram:

**Oihanense:** Abraão; Graça e João Manuel; Toupeiro, Tavares e Grazina; Simões, Del Duca, Vinício, Santiago e Gomes.

**Montemor:** Luís; Claro e Eminência; Gervásio, Rita e Garcia; Samuel, Boulanger, Egnje, Pascoal e Carmo.

O jogo teve início às 15 horas, e a entrada dos grupos foi maravilhosa, ouvindo-se incantamentos aos alentejanos e algarvios, o que lhes fez criar moral suficiente para enfrentarem o encontro com optimismo.

O encontro, cheio de emoção de principio ao fim, jogado enérgicamente, mas com correcção, foi o melhor que vimos no decorrer deste campeonato, e pode resumir-se assim: — domínio absoluto dos algarvios no decorrer do 1.º tempo, durante o qual, com o adversário absolutamente desorientado, o Oihanense embora com esplendidas oportunidades de marcar não fez funcionar o marcador, por precipitação de Vinício e Del Duca na altura dos remates.

No segundo tempo a equipa do União, começou a jogar bem, tirando partido de algumas melhores investidas, e só não marcou por fracos remates de Carmo e Samuel. Passados os primeiros vinte e cinco minutos o Oihanense recomeçou o seu domínio territorial, e embora o esplendido rendimento do ataque, inteligentemente apoiado pelo médio Grazina, não fizeram golos. Nos últimos segundos da partida, pouco menos, e quando o público começava a sair do campo, e numa altura em que não se esperava, o jovem defensor Graça, instalou-se no campo defendido pelos alentejanos, e num livre de canto, executado por Simões chutou forte à baliza, embora com um ajuntamento de jogadores, que não foi possível a entrada de José Luís. E assim o Oihanense conseguiu uma vitória a todos os títulos merecida. Num jogo vibrante e leal, a equipa do União, valorosa sem dúvida, foi batida pela primeira vez esta época pelo onze de Abraão, que, diga-se em abono da verdade, foi a equipa que mais futebol praticou e só quando menos se esperava alcançou o precioso triunfo. De todas as equipas que até esta data se deslocaram a Olhão, a do Montemor foi aquela que mais futebol executou, demonstrando jogadas de grande quilate, e só não conseguiram a vitória, por falta de rematadores, o que

## CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	9	7	1	1	23-	2 15
C. U. F.	9	6	1	2	26-12	18
Portimonense	9	5	2	2	17-11	12
Oihanense	9	6	—	3	11- 8	12
Juventude	9	4	3	2	8- 8	11
Sporting Farense	9	4	3	2	18-17	11
Almada A. C.	9	3	2	4	12-15	8
Desp. de Beja	9	3	2	4	11-18	8
Montijo	9	3	—	6	17-15	6
LUSITANO.	9	2	1	6	10-12	5
S. Domingos.	9	2	—	7	5-26	4
Luso	9	1	1	7	9-28	8

tem acontecido nas restantes equipas, pois não finalizam.

Não há dúvidas que constitui forte surpresa a vitória dos algarvios, com Grazina, em grande tarde, jogando ao ataque e á defesa, sempre com a mesma vontade e apego na luta, o que não era hábito no médio José Fernandes.

Foi feliz, pois, a reaparição do veterano Grazina á 1.ª categoria, visto se encontrar todavia na mesma forma, digam o que disserem.

Com o mesmo onze o grupo de Olhão não terá tarefa difícil em Faro, pois o grupo com o médio Grazina joga mais futebol. Graça também actuou bem e para melhor prémio obteve o triunfo do Oihanense.

A arbitragem do sr. Abel Pires teria sido impecável, se não fora o erro grave praticado no decorrer do 1.º tempo, beneficiando o infrator, flagrantemente.

Vejam agora o comportamento dos 22 homens em campo:

**Abraão** — Esteve muito bem. Teve até, uma grande defesa a remate de Samuel.

**Graça** — Muito bem, voltando a fazer gala do seu poder de antecipação.

**J. Manuel** — Regular, embora sentindo algumas dificuldades no seu novo posto.

**Tavares** — O mais discreto da defesa, teve algumas intervenções excelentes.

**Toupeiro** — Melhor a defender do que atacar, merece que insistam com ele no lugar, pois é optimo elemento, quando tem a preocupação de alimentar o ataque.

**Grazina** — Foi o melhor jogador em campo. Bom a defender e a atacar.

**Simões** — Em nítida subida de forma, e fez jogadas pela linha lateral que o creditam como um bom jogador.

**Del Duca** — Jogou pouco e esteve muito complicativo, não prestando a ajuda necessária á defesa.

**Vinício** — Jogou francamente mal. Esperamos ver mais deste jogador. Não se fazia á bola, e levou a maior parte do tempo parado sem acorrer aos lances.

**Santiago** — Foi o melhor avançado. Jogou com inteligência e fez jogadas de excelente quilate.

**Gomes** — Este foi o jogador mais batalhador do ataque, mas não esteve á altura do encontro. Falta-lhe «calo»

**José Luís** — Não actuou com segurança nos lances. Fez uma defe a magnífica aos pés de Vinício.

**Claro** — Foi regular. Esteve mal na antecipação.

**Rita** — Embora com 33 anos foi o mais regular defesa do Montemor.

**Eminência** — É uma figura apagada. Não nos mostrouna daquilo que valia.

**Garcia** — Este jogador espanhol mostrou-se com garra, e grande antecipação, ajudando muito ao ataque.

**Gervásio** — Esteve infeliz. Talvez por ter á sua guarda um bom jogador como é Santiago.

**Samuel** — Este jogador também espanhol foi o mais fraco dos dianteiros.

## Homenagens

GRAZINA, terá realmente a sua festa muito em breve

Foi com imensa satisfação que «Notícias do Algarve» recebeu a notícia da festa de homenagem, que se realizará ao veterano Grazina, muito brevemente. Não há dúvidas absolutamente nenhuma, que o valoroso e correcto futebolista algarvio pode contar com uma homenagem.

A festa está a cargo da direcção do popular clube de Olhão, que esforçadamente conseguiu um programa futebolístico que certamente fará deslocarem-se a esta vila muitos milhares de admiradores do homem que durante a sua actividade tem sabido ser um desportista exemplar.

Em breve daremos alguns apontamentos sobre a merecida homenagem, e entretanto «Notícias do Algarve», saudamos o exemplar Grazina, pela esplendida exhibição que fez, no passado domingo frente ao Montemor.

ARTUR, terá a sua festa no próximo mês

A festa de Artur, do Farense, será muito em breve, pois a comissão que se encontra á frente da homenagem, tem feito convites a diversos clubes, e só sabemos que está marcada para o mês de Dezembro.

## Jogos para hoje:

União Sport - Almada  
Desp. de Beja - LUSITANO  
Montijo - Portimonense  
C. U. F. - Luso  
S. Domingos - Juventude  
Farense - Oihanense

**Boulanger** — Muito mexido, rápido, desconcertante com a sua maneira alegre de jogar.

**Benje** — Tem boas qualidades de futebolista, mas nada fez ao pé do defensor Tavares que se antecipou a todas as jogadas.

**Pascoal** — Foi, talvez o melhor elemento da linha avançada, saindo dos seus pés optimas jogadas como aquela em que se infiltrou pela defesa contrária, e que só por manifesta falta de sorte não fez um golo.

**Carmo** — Também jogou admiravelmente. Foi um extremo que deu seguimento a todo o jogo e criou algum perigo, não obstante o adversário que teve, como é Graça.

Para o Torneio Regional de Reservas, realizou-se em Olhão, no Estádio Padinha, no passado domingo, um encontro de futebol entre o Louletano e o S. C. Oihanense, cujo resultado foi favorável aos donos do terreno, por 4-1. Este encontro foi arbitrado pelo juiz Paula de Carvalho, que se mostrou imparcial.

O primeiro tempo terminou com 2-0, embora o domínio do Oihanense fosse constante, não marcando mais golos, pela pouca sorte dos extremos Coelho e Arménio.

Destacaram-se pelo grupo local: Aguiar, Viegas, Arménio, Coelho, Gonçalo e o argentino Osvaldo Berdejo, que tem feito uns jogos maravilhosos e que até esta data não representou a 1.ª categoria.

No jogo que o S. C. Farense realizou no passado domingo em Portimão, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, estreou-se esta época pelo grupo da capital algarvia, o conhecido futebolista Balela, que jogou no lugar de avançado-centro, em vez de Vinuesa, por este se encontrar castigado pela Federação Portuguesa de Futebol.

Segundo informações colhidas, o excelente futebolista mostrou a sua categoria, tanto mais que só uma semana antes começou a sua preparação.

Fala-se em Faro, que o conhecido futebolista Ventura, que há um ano se ausentou para África, volta de novo á sua terra natal, e assim representará o S. C. Farense.

Herculano Valente

## PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António

## VENDE-SE

Um PRÉDIO urbano, situado nesta vila, na Rua da Princeza com os n.º 68, 70 e 72 de policia, tendo um baixo devoluto.

Recebe propostas, até 30 do corrente mês de Novembro, D. Leopoldina Padinha, Travessa das Cunhas, n.º 3 — Tavira.

## ALUGA-SE

CASA na Rua Jacinto José de Andrade, 69.  
Informa na Rua Miguel Bombarda, 33.

## Comentário ao jogo

## Oihanense-União de Montemor

Razões de sobra tinhamos nós quando no ultimo número deste apreciado jornal afirmávamos, com desassombro que ninguém refutou, que, jogando completo, usando o seu melhor onze com: Abraão, Graça, João Manuel, Grazina, Tavares, Toupeiro, Simões, Del Duca, Vinício, Santiago e Gomes, o S. C. Oihanense por certo alcançaria uma vitória justa sobre o aguerrido «primeira linha» da II Divisão — União de Montemor.

Errámos no prognóstico, quanto ao total de golos obtidos; mas nem por isso a vitória que o Oihanense mereceria deixa de estar de acordo com ele — e até para além dele.

O primeiro tempo dos algarvios, com Grazina em evidência, não foi, apesar do seu melhor futebol e da pressão exercida sobre os adversários — leais e viris — coroado do exito que bem merecia e que o juiz de campo, sr. Abel Pires lhes negou, quando ao terminar dos 45 minutos iniciais cometeu o seu primeiro e único erro grave da partida, assinalando uma falta por jogo perigoso de Garcia sobre o dianteiro oihanense Vinício, beneficiando o infractor, quando o elemento sobre quem foi cometida a falta caminhava em terreno livre para o golo inevitável que se desenhava na sua frente. Se não fora esta precipitada attitude de Abel Pires, a sua arbitragem poderia, sem favor, considerar-se das melhores que temos presenciado no decorrer deste campeonato.

No recomêço da partida os visitantes, que se apresentaram com um conjunto homogéneo, praticando futebol vistoso, procuraram tirar partido da melhor constituição física dos seus atletas — e permitta-se nos aqui acentuar que continuamos a notar deficiente forma física dos componentes do onze oihanense — para conseguirem uma vitória que parecia a todo o tranze querer fugir-lhes. Ao dobrar dos 25 minutos o Oihanense cresce em entusiasmo e em melhor técnica, sobre os adversários, asediando permanentemente a grande area dos alentejanos, ante o desnorteio de todo o seu grupo que chegou a permitir que os dez jogadores algarvios se dessem ao «luxo» de jogar para aquém do meio campo.

E de tal forma o ataque oihanense se acentuou que nós vimos, nos segundos finais do defesa Graça entrar de repente na grande area dos alentejanos, ocorrendo á marcação de um canto da direita, para, num chute fulminante, e por entre um ajuntamento de jogadores em frente de José Luís, marcar o único tento da partida, o golo da vitória merecidíssima conquistada pelo onze do velho Grazina.

O que se passou dentro e fora do terreno de jogo foi indiscutível.

Os corações oprimidos pelo nervosismo da partida deram largas á sua alegria. O Montemor baixou a bandeira pela primeira vez. E foi o Oihanense, como então acentuámos, o seu primeiro vencedor. Que a lição sirva para orientação futura aos que têm a missão de elevar o S. C. Oihanense. E voltamos a acentuar sem receio de que se riam de nós — o conjunto do Oihanense para a época de 1953-1954 está encontrado com o onze que apresentou no passado domingo, indiscutivelmente com Graza na rede integrado.

Tentar o contrário será... fantasia! aventura perigosa.

Arnaldo Silva

## Vende-se ou arrenda-se em Castro-Marim

Prédio, de construção antiga, composto de 1.º andar, vago; 5 armazéns, em parte, também, vagos; e 2 grandes quintais, com dependências, poço e forno e entrada própria; tendo aquele 7 janelas e 11 amplas divisões. Sito na R. João da Guarda Cabreira, junto e disfrutando linda vista para o histórico Castelo e imponente rio Guadiana. Dirigir-se ao Dr. António Cabreira, R. das Taipas, 40, 1.º — Lisboa.

## Trespasa-se

A «Casa Chic», de Portimão, por motivo de retirada. Excelente local e muita clientela.  
Rua Dr. António Candido — Portimão.